

Introdução à edição em português

Esta cartilha de ensinamentos essenciais do cristianismo contém um número impressionante de referências bíblicas, umas 1.555, segundo contagem do autor. Elas representam o fundo pedagógico do livro e devem ser procuradas na Bíblia durante a leitura. O intento do livro é remeter o leitor às Escrituras e, para que nisso tenha êxito, é necessário verificar as referências.

Logicamente, é possível ler o livro como qualquer outro, sem demorar para consultar as referências bíblicas, e haverá grande proveito duma leitura dessa. Assim, porém, seria como comer um romeuejulietta sem o queijo.

O autor lança mão de um estilo informal, direcionando-se ao leitor como *você*. Mantivemos este estilo na tradução, com o intuito de transmitir o interesse do autor em cada pessoa que lê o livro.

Agradecemos ao autor o incentivo e o apoio financeiro para a publicação do livro no Brasil. O dr. Williams foi muito gentil ao nos dar liberdade para adequar o livro para o contexto brasileiro. Ficou evidente seu interesse em abençoar vidas com seu livro, ao invés de lucrar com ele.

Agradeço ao irmão Jorge Santana dos Santos, companheiro em muitas lutas e vitórias, as várias correções e sugestões, e à minha esposa Vicki Lynne Matheny a verificação das referências bíblicas.

Algumas partes do livro foram publicadas como artigos na revista eletrônica *Imo-Net*, publicada pelo Projeto Alcance (alcanceweb.com).

Lançamos esta obra com a oração para que, por meio desta, Deus alcance muitas almas com a Boa Nova de seu Filho Jesus Cristo e que você, querido leitor, seja entre aqueles que ouvem e fazem toda a vontade do Senhor, para a alegria eterna.

– O editor

1. O que é o cristianismo?

O que é o cristianismo? O propósito deste livro é explicar o cristianismo a você em termos simples, mostrando-lhe como se tornar um cristão, e resumindo os ensinamentos em que você tem de acreditar e como deveria agir como um cristão. O cristianismo sobre o qual você lerá nas páginas seguintes é aquele conhecido e praticado na idade apostólica do primeiro século. Uma tentativa real será feita para documentar com precisão, das Escrituras Sagradas, todas as afirmações feitas acerca do cristianismo. O que se segue é um esforço de apresentar-lhe o cristianismo sem as tradições acrescentadas por homens e mulheres nos últimos 2.000 anos. Embora a maioria dessas tradições recentes seja inocente, algumas são errôneas e deveriam ser evitadas.

Muitas pessoas hoje estão confusas sobre o que é o cristianismo, realmente, porque elas o associam a tradições que obscurecem a verdade. Talvez você tenha sido preconceituoso contra o cristianismo no passado, porque fora desviado do caminho por uma forma inadequada, numa igreja ou nas vidas individuais de alguns indivíduos que se chamam de cristãos. Se isso é verdade no seu caso, por favor, leia este livro e julgue o cristianismo pelo projeto original do que deveria ser, e não como um esforço defeituoso de algumas pessoas que se dizem cristãs. Julgue o cristianismo pelo modelo, dado a nós no Novo Testamento, de como os cristãos e as igrejas devem ser. Aqueles que declaram ser cristãos podem não viver, adorar ou ensinar como deveriam, por uma série de razões. Talvez sejam ignorantes de toda a verdade. Talvez tenham sido enganados com ensinamentos falsos. Talvez sejam hipócritas. Provavelmente, são sinceros, mas cometeram alguns erros como todos os humanos fazem. Por favor, não rejeite o cristianismo por causa do fracasso de alguém que afirma ser cristão. Julgue o cristianismo em termos de Jesus Cristo. Você descobrirá que Jesus Cristo, o autor e fundador do cristianismo, de modo algum o decepcionará. Enquanto os seus seguidores cometem erros, ele não tem erro.

2. A necessidade da salvação

O cristianismo é o caminho que seguem aqueles que são chamados “cristãos” (At 11.26; 26.28; 1Pe 4.16). Um cristão é simplesmente um seguidor de Jesus de Nazaré, que é chamado o Cristo ou o Messias por aqueles que acreditam nele. Por que alguém deveria ser cristão? A resposta a essa pergunta é esta: precisamos da salvação dos nossos pecados. A fim de entender nossa necessidade da salvação dos pecados, vejamos primeiro o que significa ser uma pessoa humana responsável perante Deus.

Todos os seres humanos são mais que meras criaturas físicas como os animais. Temos algo dentro de nós que é chamado de “espírito” ou “alma”, que significa que somos criaturas espirituais (At 7.59; 1Co 2.11; 1Ts 5.23; Tg 2.26). No princípio Deus

8 A necessidade da salvação

criou tudo (Gn 1.1), mas ele criou o homem “à sua imagem” (Gn 1.26-27; Cl 3.10; Tg 3.9). Isso significa que Deus nos deu a capacidade de pensar e raciocinar. Temos a capacidade de compreender coisas espirituais e acreditar em um ser supremo que chamamos “Deus”. Somos capazes de saber o certo e o errado, sentir culpa, bem como entender aquelas coisas que são honrosas e nobres. Somos capazes de sentir uma sensação de temor quando meditamos a grandeza de Deus. Temos a capacidade de adorar e em todos os lugares do mundo, entre todas as raças e classes de pessoas, é universal o impulso de buscar adorar um ser superior. Somos capazes de viver uma vida mais nobre em imitação da santidade perfeita de Deus (Mt 5.48; Ef 4.21-23; 1Pe 1.14-16).

Quando o apóstolo Paulo pregava em Atenas, na Grécia, ele elogiou os atenienses por serem “muito religiosos” (At 17.22). Eles tinham altares e objetos para adorar muitos deuses diferentes. Para terem certeza de que não tinham esquecido de qualquer deus, tinham construído um altar “ao Deus desconhecido” (At 17.23). Paulo, então, informou aos atenienses sobre o único e verdadeiro Deus:

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor do céu e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”, como disseram alguns dos poetas de vocês: “Também somos descendência dele” (At 17.24-28).

Considerando que Deus é nosso criador, somos responsáveis perante ele (Is 43.7; Ap 4.11). Paulo falou aos atenienses que eles seriam julgados por Deus um dia: “No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” (At 17.30-31). Considerando que Deus colocou dentro de nós a capacidade de raciocinar e distinguir entre o bem e o mal, somos responsáveis perante ele. Paulo falou das pessoas que não tiveram nenhum mandamento de Deus; contudo, eles souberam “naturalmente o que a lei ordena” (Rm 2.14). Porque podemos discernir que Deus existe (Sl 19.1-6; Rm 1.19-20), e pelo fato de podermos saber entre o bem e o mal, temos de dar conta de nossos pensamentos, nossas ações e nossa vida perante Deus (At 10.42; Rm 2.16; 1Co 4.5).

A triste realidade é que todas as pessoas que amadureceram e vieram a saber a diferença entre o bom e mau já pecaram. O pecado é tudo o que está contrário à vontade de Deus. É “rebelião” (1Jo 3.4). “Toda injustiça é pecado” (1Jo 5.17). O bem

e o mal não são determinados arbitrariamente por Deus. Pelo contrário, tudo o que é semelhante a Deus é certo e tudo o que é dessemelhante a Deus é errado. Deus é amor. Então, ser desamoroso é pecado (1Jo 4.8, 16). A honestidade é correta, porque Deus nunca mente (Tt 1.2). Há muitas listas com vários tipos de pecado no Novo Testamento, que nos ajudam a entender o que o pecado envolve. Em Romanos, Paulo escreveu sobre os pecadores:

Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis (Rm 1.29-31).

Paulo também enumera algumas “obras da carne” ou pecados comuns: “imoralidade sexual, impureza e lascívia; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes” (Gl 5.19-21). Paulo enumera alguns exemplos daqueles que não herdarão um lar no céu, a menos que se arrependam e busquem a salvação: “nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avaros, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus” (1Co 6.9-10; ver Cl 3.5-10; 1Tm 1.9-11; 2Tm 3.2-5; Tg 3.14-16; 1Pe 2.1-2).

Não podemos culpar os outros por nossos pecados. Nós pecamos porque cedemos à tentação (Tg 1.12-15). Embora Adão e Eva trouxessem o pecado ao mundo, nós nunca fomos forçados a pecar. Pecamos porque seguimos os exemplos de outros e porque desejamos fazer o que é mau. Foi assim que o pecado se espalhou por toda a humanidade (Rm 5.12). Da mesma maneira que todos os que seguem Cristo serão salvos, igualmente todos os que imitam Adão e o seguem no caminho do pecado estão perdidos (Rm 5.15-21). Algumas pessoas ensinam erroneamente que herdamos a natureza pecaminosa de Adão, e que somos todos culpados do pecado a partir do momento em que nascemos. A Bíblia ensina diferentemente. Cada pessoa é individualmente responsável perante Deus. As crianças não serão condenadas como culpadas pelos pecados de seus pais ou pelos pecados de Adão. Igualmente, os pais não serão condenados por Deus pelos pecados de seus filhos (Jr 31.29-30; Ez 18.1-20). Cada um de nós é, individualmente, responsável perante Deus.

Por sermos pecadores, e por Deus ser um Deus santo e perfeito, estamos separados dele (Is 59.1-2). Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden depois que pecaram (Gn 3.1-24). Igualmente, Deus nos julga quando somos culpados do pecado. Todos são culpados do pecado perante Deus, até mesmo as pessoas religiosas (Rm 3.9). Não há ninguém justo, nem sequer um (Rm 3.10). “Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23; ver 1Jo 1.8-10). O pagamento que todos merecemos pelos

nossos pecados é a morte: “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23; ver Gl 6.7-8). Nisto encontramos a nossa grande necessidade de salvação. Estamos perdidos, porque somos pecadores. Estamos impossibilitados de nos salvar. Somos impotentes (Rm 5.6). Se fizéssemos muito esforço, poderíamos pecar um pouco menos no futuro, mas ainda pecaremos. Além disso, estamos impossibilitados de pagar os pecados que já cometemos. Precisamos de salvação desesperadamente. Precisamos de um salvador!

3. O Salvador vindo do céu

Imagine um homem preso no fundo de um buraco profundo. Ele está impossibilitado de sair dele. Ele precisa de ajuda de fora ou de cima. Precisa que alguém lhe jogue uma corda ou uma escada de mão. Ele precisa de um salvador. A humanidade estava na mesma situação por causa de nossos pecados. Precisávamos de ajuda do céu, e nosso grande Deus nos proporcionou um salvador. Há um único Deus (Dt 6.4; Mc 12.29, 32; 1Co 8.4, 6; Ef 4.6; Tg 2.19), mas este Deus é conhecido por nós de três modos: Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28.19; 2Co 13.14; Jo 15.26). Chamar Deus de “Pai” não quer dizer que Deus esteja casado ou que ele e uma esposa divina tivessem um filho. “O Pai” nos fala que Deus é como um pai enquanto nos guarda e nos cuida (Mt 6.8-9; 7.9-11). Jesus Cristo não é chamado o “Filho de Deus” porque Deus e uma esposa divina dessem à luz Jesus, ou porque o Pai seja mais velho que o Filho. Ele é chamado o “Filho de Deus” porque ele era submisso na sua relação para com Deus Pai, como qualquer filho deveria ser submisso ao pai dele (Jo 4.34; 5.30; 6.38). O Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos eternos e são todos divinos. Eles são Deus, não humanos.

Isso significa que nosso Salvador Jesus Cristo não começou a sua vida ou existência quando nasceu neste mundo. Ele já tinha vivido muito tempo antes de Abraão (Jo 8.58). Ele estava vivo antes do mundo ser criado (Jo 1.3; Cl 1.15-16; Hb 1.2). Isso é comumente chamado da preexistência de Cristo (Jo 3.13; 8.23; 17.5, 24; 18.37). Nosso Salvador Jesus Cristo é eterno. Ele sempre existiu e existirá (Ap 1.8, 17; 21.6; 22.13; Jo 1.1; Hb 13.8). Embora estivesse no céu onde multidões de anjos poderiam ter-lhe servido, ele veio voluntariamente para a terra para ser nosso salvador (2Co 8.9). Paulo explica as maravilhosas e boas notícias que fazem a história do cristianismo tão sem igual:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, o qual, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens (Fp 2.5-7).

A humanidade pecaminosa precisa de um salvador. Em vez de nos pedir o impossí-